



Os sapatos da Svietlana

para minha única irmã

Hadasa Cytrynowicz*

Já de pequena, gostava de sapatos. Andávamos sempre descalças, os tempos eram difíceis. Ela tinha uma predileção pelos sapatos gastos da mamãe, de salto alto, os únicos sapatos da mamãe. Svietlana experimentava os sapatos sem fim, eram lindos aos seus olhos, sentia-se grande, sentia-se mulher.

Os tempos não eram fáceis. Faltava tudo para todos. A guerra já estava no seu sexto ano e Svietlana só tinha quatro anos. Nascera numa noite gelada de inverno. A mamãe magra e miúda tinha a bacia estreita, ninguém no hospital acreditou que ela viera dar à luz, riram dela e a mandaram para casa, a pé, na noite de neve. Mal voltou para casa, sentiu contrações. Ofendida e chorando, teve que ir, novamente, ao hospital na noite branca. Mal teve tempo de se deitar na cama, Svietlana nasceu. O nome dela fui eu que escolhi naquela longa noite de vigília. Cuidei da Svietlana miúda e faminta, dando-lhe um trapo para sugar. Todos tínhamos fome. Assim mesmo, Svietlana começou a sorrir. Como crescera, foi um mistério. Começou a andar bem tarde e logo parou de andar, foi um segundo mistério. Recusava-se a andar. Carreguei-a por todos os cantos. Fazia parte de mim.

Svietlana adorava sapatos. Quando eu crescer, dizia, terei sapatos lindos. Sonhava sempre, tudo era sonho e era bom sonhar. Quando finalmente começou a andar, ganhou um par de sapatos vermelhos, adquiridos pelo pai na feira, numa troca. Sempre fazia trocas, trocava coisas, as poucas que tivemos e que nos restaram. Nada realmente nos pertencia, tudo podia ser trocado na feira por comida ou o agasalho necessário. Svietlana adorava os seus sapatos vermelhos, ninguém os conseguia tirar dela.

No dia em que Svietlana foi para o hospital para ser internada com escarlatina, calçou os seus sapatos únicos, os vermelhos. Cortaram-lhe o cabelo dourado, ela nem piscou, ficou com um rostinho de menino magro de olhos grandes, mas quando quiseram tirar-lhe os sapatos vermelhos, lutou com desespero. Não quis se despedir dos seus sapatos. Papai prometeu-lhe cuidar dos sapatos levando-os para casa. Svietlana, triste, deu-lhe os sapatos.



Svietlana ficou muitos dias no hospital, papai a visitava de vez em quando. Ficou mais magra, quase não sorria. Apenas uma vez perguntou ao pai se não vendera seus sapatos. Quando Svetlana saiu do hospital, parecia uma sombra de menina, só se via olhos grandes, cabeça raspada, uma figura frágil. Junto ao coração, apertava os dois sapatinhos vermelhos e sorria.¹

* **Hadasa Cytrynowicz** é professora, tradutora e escritora.

Nota

¹ Este conto foi traduzido para o hebraico e publicado no livro sobre os judeus da cidade de Konsk, Polônia, dos meus avós e pais.